

O ANO EM QUE A TERRA PAROU

EDUARDO SPRINZ

Chefe do serviço de infectologia do Hospital de Clínicas de Porto Alegre
eduardo.sprinz@gmail.com



2020 será o ano que mudará a Terra para sempre (espero). Mesmo os países ricos têm dificuldades para o enfrentamento desse brutal inimigo. A população do planeta aumentou, a densidade demográfica cresceu, a pobreza e a ignorância aumentaram. Isso facilita a disseminação de rivais da raça humana, como esse novo vírus.

Nossa sociedade precisa estar preparada, como nunca antes, para a guerra. O embate chegou. Peguem as armas. Nesse caso, não combateremos ou mataremos seres humanos. Esse vírus, codinome Sars-CoV2 (agente infiltrado entre humanos), é especializado em nós, na nossa raça. Infelizmente, sua velocidade de multiplicação é, no mínimo, cem vezes maior. O que quer dizer isso? Nós, seres humanos, não o conhecemos e

somos, até prova em contrário, todos suscetíveis. Além disso, a transmissão é mais fácil do que a do vírus da gripe. Ou seja, uma catástrofe está chegando entre nós. Precisamos de todos.

Nossa sociedade precisa estar preparada, como nunca antes, para a guerra

Ainda não temos imunidade, tratamento ou vacina. Precisaremos da nossa eterna solidariedade. Colaboração até entre inimigos humanos. A hora de nos unirmos chegou (infelizmente, com pelo menos um metro de distância). A Terra

parou e continuará parada por algum tempo. Somos produtos da evolução e da seleção natural da espécie. Temos de mudar diante desse novo desafio. Temos de nos sacrificar para que a vida siga.

Para isso, temos de estar unidos. Mas não numa noite de panelaços. Apesar da estrutura um pouco rígida, o Ministério da Saúde do Brasil tem se mostrado proativo e com extrema boa vontade.

Por favor, o inimigo não tem preconceito, ignora sexo, raça e classe. Para esse coronavírus, o alvo é ser humano. Devemos nos manter unidos, na maior harmonia possível, para ficarmos fortes. Nosso amanhã está cheio de incertezas. Precisamos estar juntos para que nosso planeta sobreviva. E, quem sabe, em mais harmonia e união (minha esperança).

SALVANDO PESSOAS E EMPRESAS

LUIZ CARLOS BOHN

Presidente da Fecomércio-RS
presidencia@fecomerco-rs.org.br



A epidemia da covid-19 trouxe desafios inimagináveis para o Brasil e para o mundo. Neste momento temos apenas duas certezas. A crise epidemiológica vai levar muitas vidas e a crise econômica vai gerar muito desemprego e elevar a pobreza. Ou seja, essa crise vai cobrar um preço muito elevado, tanto em vidas humanas quanto em termos de renda e emprego para a sociedade. A função dos governos, neste momento, é tentar minimizar esses dois efeitos. Temos de tentar salvar vidas ao menor custo possível em termos de emprego e renda.

Não há uma receita de bolo para atacar esse colapso. Alguns países optaram pelo chamado *shutdown*, ou seja, o fechamento total e compulsório da circulação das pessoas e da economia. Esse procedimento reduz a circulação do vírus, mas cobra um preço muito elevado para a economia. Em outros países, a opção foi por uma quarentena

seletiva da população mais em risco, isso é, idosos e aqueles com doenças respiratórias preexistentes. Em ambos os casos, é sempre importante elevar as medidas de higiene e distanciamento social.

No que diz respeito à economia, precisamos preservar as empresas para que elas estejam presentes daqui a algumas se-

No momento, temos de preservar as pessoas e as empresas, das quais as pessoas dependem

manas para ajudar na retomada do crescimento. São as empresas que produzem e distribuem os bens e serviços que dão qualidade de vida às pessoas e geram a riqueza da sociedade. São elas que geram empregos. Sem empregos e sem produção

e circulação de bens e serviços, não há arrecadação de tributos e serviços públicos.

Os governos federal e estadual já anunciaram algumas medidas nesse sentido. Precisamos que elas sejam efetivadas e ir além, com iniciativas no sentido de reduzir e adiar despesas que permanecerão enquanto as receitas sofrem impacto severo, especialmente para as empresas do comércio, serviços e turismo, mais afetadas pela crise. Diferimento das obrigações tributárias e de crédito, flexibilização de programas de parcelamento vigentes e calendários de pagamentos, inclusive, de pessoas físicas, e garantia de serviços essenciais, com carência de prazos, são exemplos.

A economia não é algo distante, imaterial. A economia são pessoas, empregos, produção. No momento, temos de preservar as pessoas e as empresas, das quais as pessoas dependem.

INTERDEPENDÊNCIA OU MORTE

IGOR OLIVEIRA

Consultor empresarial
mrigoroliveira@gmail.com



Este vírus nos faz perceber que o planeta é um só e que dependemos uns dos outros. Se um pequeno grupo de pessoas tem uma relação perigosa (do ponto de vista sanitário) com animais, isso pode custar milhares de vidas. Se alguém não respeita as regras de distanciamento social, a mesma coisa. No mundo globalizado – e não adianta esperar, ele não deixará de ser globalizado –, a velocidade de contágio de qualquer fenômeno desse tipo é impressionante.

É a tal interdependência que os ecologistas e cientistas de sistemas já cansaram de explicar, acentuada pela crescente conectividade material e informacional da civilização humana.

Vamos ter que revisar nossa relação com animais domesticados, sobretudo para consumo de carne. Já não é a primeira pandemia global originada nessa relação. Vai ser preciso fortalecer nossos sistemas públicos de saúde ou criar outras maneiras de atenuar os riscos coletivos, como epidemias e variações climáticas. São lições que precisaremos aprender.

Mas, por ora, o urgente é romper uma divisão entre quem acredita que o problema é sério e quem acredita que é obra de alguém. A verdade é que nem sequer precisamos descobrir a totalidade dos fatos agora, porque o problema, mesmo que tenha sido obra de alguém, pode ser, e é, sério. Não são alternativas mutuamente exclusivas. A urgência é minimizar os danos. É apenas lógico agir da maneira mais contundente possível contra uma epidemia que cresce exponencialmente.

Com exceção dos serviços essenciais como saúde, fornecimento de remédios e alimentos, as pessoas precisam estar em casa. Ponto final. Inclusive os prestadores de serviços domésticos (em suas próprias casas, é claro, ouviu madame?). E de maneira remunerada. Não importa se até então só ganhavam pelas horas que trabalhavam. É sua obrigação moral pagar todo mundo que você pagaria normalmente para que fiquem em casa. Use transferências eletrônicas e caixas de correio.

Trata-se de uma situação excepcional, as regras normais não se aplicam. Não é porque não estava previsto em contrato que não precisamos acudir as pessoas. Se alguém tiver que sair de casa, por não receber o que ganharia normalmente, e pegar o vírus, você terá sangue nas suas mãos.

Perguntam-me se o PIB ainda vai crescer. A resposta é não importa. Aliás, nunca importou. PIB é só dinheiro girando. Gira, gira, e fica nas mãos dos mesmos. Os que agora se recusam a pagar seus funcionários.

Igor Oliveira escreve às sextas-feiras, a cada 15 dias.
Segunda-feira: Michel Galtha, advogado.